

# A política cultural da Itália fascista no Brasil: O soft power de uma potência média em terras brasileiras (1922-1940)

João Fábio Bertonha

## Introdução

Desde o final do século XIX, quando cerca de 1,5 milhão de italianos emigraram para o Brasil, as relações entre os dois países são relativamente próximas. Essa proximidade, com certeza, não impediu momentos de distanciamento ou tensão, como quando das várias disputas pela tutela dos imigrantes italianos no Brasil nos séculos XIX ou XX. Ainda assim, a relação entre Brasil e Itália é, em geral, positiva e o único momento em que os dois países estiveram em campos opostos foi a Segunda Guerra Mundial.

Para entender a dinâmica do relacionamento entre o Brasil e a Itália, é fundamental abordar a relação entre eles no período crucial entre as duas guerras mundiais e, mais especificadamente, durante o período fascista, quando houve um esforço consistente do governo italiano para colocar o Brasil na sua órbita de influência.

Esse artigo procura trabalhar nessa direção, apresentando um panorama das relações Brasil/Itália no período entreguerras, os vários instrumentos utilizados pelo regime de Mussolini para procurar ampliar a sua influência no gigante sul-americano e os resultados obtidos. Sem querer entrar em detalhes sobre temas e tópicos sobre os quais já publiquei em outras ocasiões e espaços<sup>1</sup>, a ideia é fazer um panorama geral sobre os objetivos italianos no Brasil, seus esforços para atingi-los e seus resultados. Mais especificadamente, esse artigo irá focar com especial cuidado a política cultural e a propaganda italiana para o Brasil naquele período e como elas se encaixavam num esforço maior de Roma para adquirir influência num contexto onde seus recursos militares e econômicos eram limitados demais para serem levados em conta.

---

1 Remeto a outros textos meus para aprofundamentos e detalhes, além de referências bibliográficas mais completas, sobre vários dos tópicos que serão trabalhados nesse artigo. Ver, para citar apenas livros: BERTONHA, João Fábio. *Sob a Sombra de Mussolini: Os italianos de São Paulo e a luta contra o Fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999; *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; *Sobre a Direita – estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Eduem, 2008.

## A questão do imperialismo fascista e o Brasil

Já trabalhei com o tema do imperialismo italiano em diversos textos<sup>2</sup>, e aprofundi a discussão em alguns de recente publicação<sup>3</sup>. Para nossos fins aqui, basta recordar como o imperialismo fascista foi, aos poucos, rompendo com as tradições diplomáticas italianas e caminhando na direção de um imperialismo muito mais agressivo e ambicioso, tendo acabado por ligar seus destinos aos da Alemanha de Hitler<sup>4</sup>.

Esse imperialismo mais tradicional, militar, foi suplementado, no caso italiano, por outro, por uma “diplomacia paralela” de base expressivamente subversiva e ideológica. Essa “diplomacia paralela” foi pensada, em alguns casos, como suplementar à ação imperialista mais tradicional da Itália e, em outros, como um substituto aos meios econômicos e militares que a Itália não dispunha no volume necessário para conseguir o que desejava. Um imperialismo paralelo, mais sutil, que se articulava com o tradicional ou o substituíva, conforme o momento e a região do mundo.

Dessa forma, a Itália mobilizou todos os recursos disponíveis para suprir a sua falta de recursos militares e econômicos. A mobilização e o controle das colônias de italianos espalhadas pelo mundo, a ligação com os movimentos fascistas e com governos estrangeiros pelo viés ideológico, a formação de uma propaganda cultural marcada pelos pressupostos ideológicos e os esforços de subversão da ordem interna de outros países foram os elementos centrais dessa “diplomacia subversiva”, que existia ao lado da diplomacia oficial italiana.

Vários desses elementos já eram pensados dentro da realidade geopolítica italiana desde antes do fascismo (como a propaganda cultural e a mobilização dos emigrantes) e vários outros países – democráticos ou não – também recorriam a esses elementos para ampliar seu poder internacional naqueles anos e mesmo hoje. O fascismo italiano, contudo, reelaborou estes elementos, associou-os ao pensamento imperialista tradicional e os ligou a uma concepção particular de Império, relacionada à tradicional, mas com aspectos novos.

De extremo interesse para a nossa discussão é a ideia de “imperialismos concêntricos”. Segundo essa perspectiva, as elites diplomáticas e do Partido fascista italiano conceberam, com o tempo, uma ideia de um Império italiano a ser integrado por círculos concêntricos, com o centro formado pela Itália e com as camadas exteriores abrangendo quase todo o mundo.

---

2 BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2005; “Um imperialismo dos pobres: O Império italiano da era liberal ao fascismo”, in SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da. *Impérios na História*. Rio de Janeiro: Campus, 2009, pp. 259-269.

3 BERTONHA, João Fábio. “La “diplomacia paralela” de Mussolini en Brasil: vínculos culturales, emigratorios y políticos en un proyecto de poder (1922-1943)”, *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 11, 2012, pp. 71-92.

4 Ver detalhes sobre o imperialismo italiano em: LABANCA, Nicola. *Oltremare. Storia dell'espansione coloniale italiana*. Bologna: Il Mulino, 2002.

A discussão sobre esse tópico é grande demais para ser retomada aqui, mas a ideia central é que, quanto mais perto do núcleo, mais o imperialismo fascista seria tradicional, a apelar à força para exercer a conquista e a dominação. Ao afastar-se dele, os métodos indiretos ganhavam importância, ainda que todos os elementos estivessem sempre presentes também nos outros níveis.

A América Latina e o Brasil estariam, com certeza, nos círculos mais externos das ambições imperiais italianas, o que explica os limites dessas e também porque o recurso aos métodos indiretos foi bem mais intenso nesse continente do que em outros<sup>5</sup>.

Parece evidente que o interesse da Itália fascista por uma influência política no Brasil era bastante teórico e condicionado pelas prioridades e pelos recursos italianos. O fato, porém, é que essa pretensão existia e, para atendê-la, o governo italiano dispunha, no Brasil, de um tripé formado por três polos: a propaganda e/ou política cultural, as coletividades italianas, e o seu intenso relacionamento com o fascismo brasileiro (o integralismo) e, em menor escala, com o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas.

O primeiro instrumento seria a mobilização das comunidades de italianos instaladas no país, as quais deveriam continuar a ter um papel chave na aplicação dos interesses italianos no Brasil, mas com objetivos e diretrizes realistas e precisos.

Os italianos eram conscientes que, dada a estrutura política brasileira, a capacidade dos italianos locais de influenciar as diretrizes políticas do governo brasileiro eram limitadas e que não se poderia esperar muito delas em termos de fonte de pressão política (como ocorria nos EUA) e muito menos como uma “quinta coluna” ou força de apoio para uma possível invasão. Não era possível, assim, exigir muito da coletividade italiana do Brasil e o regime não o fez.

Dada essa situação, era à outra arma que o regime fascista dedicava suas esperanças para aumentar sua influência no Brasil: seu intenso relacionamento com o fascismo brasileiro, o integralismo, e com o governo Vargas. Dados os limites tanto da colônia italiana como do sistema de propaganda fascista no país, a ser vista em seguir, era nesse componente da “diplomacia paralela” que Roma realmente depositou esperanças de conduzir o Brasil na direção por ela desejada.

Uma apreciação dos íntimos laços que o fascismo italiano teve com a Ação Integralista Brasileira (em termos institucionais, de relações de base e de cúpula, de influência ideológica, etc.) já foi feita por diversos pesquisadores e pelo próprio autor<sup>6</sup>, sendo desnecessário retomá-los agora. Que tais laços eram íntimos, contudo, é mais do que evidente, não sendo espantoso o quanto Roma confiava

---

5 BERTONHA, João Fábio. “¿Un imperio italiano en América Latina? Inmigrantes, fascistas y la política externa “paralela” de Mussolini”, in SAVARINO, Franco e GONZÁLEZ, José Luis, *México. Escenario de confrontaciones*. México: ENAH, 2010, pp. 161-188.

6 Além dos meus trabalhos, ver: TRENTO, Ângelo, “Relações entre fascismo e integralismo: o ponto de vista do Ministério dos negócios estrangeiros italiano.”, *Ciência e Cultura* 34, 12 (1982), pp. 1601-13; e SEITENFUS, Ricardo. “Ideology and Diplomacy: Italian Fascism and Brazil (1935-1938)”, *Hispanic American Historical Review*. 64, 3, 1984, pp. 503-534 e; *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942 (O Processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

no integralismo para aumentar a sua influência no país. O fato de essa aposta ter fracassado representou um duro golpe para as pretensões italianas no Brasil.

Parecem estar claros, nesse momento, os objetivos da Itália em relação ao Brasil na segunda metade dos anos 30 e as armas - a difusão ideológica, a coletividade italiana e, especialmente, o jogo entre a Ação Integralista e o Estado Novo - que ela dispunha. Para os fins desse texto, cabe-nos, agora, focar na terceira perna desse tripé, ou seja, a propaganda e a política cultural e, acima de tudo, o seu período áureo, ou seja, entre 1936 e 1940.

### **A propaganda e a política cultural<sup>7</sup>**

Nos dez primeiros anos do regime fascista, o relativo desinteresse italiano pelo Brasil e a própria fraqueza da máquina propagandística italiana como um todo se refletiram numa estrutura de propaganda realmente muito pobre e concentrada basicamente no aspecto cultural, com alguma distribuição de livros sobre a Itália, conferências e financiamento de viagens para a Itália de um ou outro jornalista brasileiro. Outras iniciativas foram a fundação de um Instituto Ítalo Brasileiro de Alta Cultura no Brasil e do Instituto Colombo em Roma, o qual procurava, segundo seus estatutos, apoiar a expansão cultural, econômica e comercial da Itália na América Latina. Essa situação de relativo desinteresse mudaria radicalmente, contudo, com a chegada da década de 1930, em primeiro lugar pelo próprio crescimento do sistema de difusão ideológica e cultural da Itália.

Com efeito, a propaganda fascista dirigida ao exterior era voltada prioritariamente, nos anos 1920, aos italianos e descendentes residentes fora da Itália. Nos anos 1930, essa situação se modificou substancialmente e o esforço para a difusão do fascismo cresceu de maneira notável, atingindo inúmeros países. Também se registrou um aumento do uso do rádio para atingir as populações estrangeiras e a transformação da política cultural de defensiva (preservação e divulgação dos valores italianos no mundo) à ofensiva (instrumento de política externa e da geopolítica).

Esse redimensionamento exigiu uma notável reorganização da arquitetura governamental italiana, com um crescente aperfeiçoamento do sistema até 1937, quando veio a luz aquele que seria o cume da estrutura de propaganda e de divulgação da cultura fascista dentro e fora da Itália, ou seja, o Ministero della Cultura Popolare ou MinCulPop.

Tais modificações no aparato estatal italiano dificilmente teriam reflexo no Brasil se as políticas e os objetivos fascistas com relação ao país continuassem as mesmas dos anos 1920. Contudo, não só os interesses italianos em relação ao Brasil cresceram nos anos 1930, como à carta ideológica foi sendo dada

---

7 Para facilitar a leitura, retirei desse artigo as referências a fontes e a maior parte da bibliografia auxiliar. Para ter acesso a elas e a aprofundamentos no tocante à política cultural italiana para o Brasil, ver: BERTONHA, João Fábio. "Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943", *Revista de História Regional*, 5, 2, 2000, pp. 83-110.

uma importância crescente na concretização desses interesses. Não surpreende, portanto, que a estrutura de propaganda italiana para os brasileiros começasse a se sofisticar na primeira metade da década de 1930.

Essa maior sofisticação se refletiu em vários campos. Ao lado da potencialização dos métodos já conhecidos de conferências e distribuição de livros e publicações, o governo italiano começou a enviar grandes quantidades de artigos, fotos e material de propaganda para serem distribuídos para um bom número de jornais em todo o Brasil e houve até algumas tímidas tentativas de colocar filmes italianos (como *Camicia Nera*) em circuito comercial no Brasil.

Nota-se, assim, que a máquina de propaganda fascista no Brasil estava sendo rapidamente aperfeiçoada nessa primeira metade dos anos 1930. O auge desse processo de aperfeiçoamento e consolidação veio, porém, um pouco mais tarde, no período da Guerra da Abissínia, quando um enorme esforço propagandístico foi feito na defesa da causa italiana. A partir daí, a estrutura de propaganda italiana estava madura o suficiente para ambicionar uma influência maior na opinião pública brasileira.

### **A Guerra das Embaixadas, 1936-1940<sup>8</sup>**

Os novos esforços italianos parecem ter sido dirigidos a dois públicos para eles distintos: à população em geral e à população mais intelectualizada e/ou intelectuais. É uma divisão um pouco artificial (pois é óbvio que ambos os níveis se cruzavam continuamente), mas é didática o suficiente para que possamos entender melhor os caminhos e roteiros que a propaganda italiana seguiu no Brasil nesse período.

A primeira grande preocupação do regime era, sem dúvida, a imprensa brasileira e a batalha para dispor da maior quantidade possível de jornais ao lado do fascismo consumiu boa parte do tempo e da energia do regime.

Alguns jornalistas brasileiros certamente eram simpáticos a ele e forneciam gratuitamente o seu trabalho e o seu espaço jornalístico para a divulgação de notícias positivas sobre o fascismo. Normalmente, porém, a obtenção do apoio da classe jornalística passava por um lento trabalho de conquista, onde a farta distribuição de comendas e as viagens gratuitas à Itália para os jornalistas brasileiros não eram incomuns. A distribuição de subsídios financeiros e de franquias telegráficas aos jornais também era uma atividade costumeira.

A técnica mais utilizada para fazer os jornais brasileiros difundirem notícias favoráveis à Itália e ao fascismo era, contudo, a distribuição maciça de artigos e fotografias para eles. De fato, os arquivos italianos estão repletos de documentos confirmando o envio em massa de artigos, fotografias e demais materiais de propaganda a dezenas (senão centenas) de jornais por todo o Brasil

---

<sup>8</sup> Para detalhes, ver: BERTONHA, João Fábio. "A Guerra das Embaixadas: as grandes potências e a propaganda estrangeira no Brasil do entreguerras (resenha da obra de Antônio Pedro Tota)", *LOCUS - Revista de História*, 12, 7, 2001, pp. 159-164.

entre 1934 e 1940 e essa distribuição não era feita a esmo, mas com cuidadosas reflexões sobre os momentos mais apropriados para difundir o material e sobre como aperfeiçoar o serviço.

Ainda com relação à mídia escrita, outra técnica bastante utilizada pelos fascistas para difundir sua propaganda pelo país foi a distribuição maciça de publicações sobre a Itália e sobre o fascismo. Tais publicações constituíam-se normalmente de folhetos de caráter divulgativo geral e para consumo popular. Escritas em português, italiano e espanhol, tais obras abordavam assuntos variados, como as grandes obras do regime, a doutrina corporativa, a guerra africana e outros aspectos da vida e da ideologia do fascismo. Um órgão especial do MinCulPop, o escritório NUPIE, se encarregava de fazer propaganda anti-comunista, enviando grandes quantidades de folhetos a respeito para o Brasil.

A propaganda fascista não se restringia, porém, à mídia escrita. Como convinha a um movimento que foi pioneiro no uso dos modernos meios de comunicação de massa, o fascismo não descuidou de dois inovadores métodos de propaganda que estavam sendo aperfeiçoados justamente no entreguerras: o rádio e o cinema.

No que se refere ao rádio, há referências às emissões diretas da Itália para o Brasil, com transmissão de discursos do Duce e programas em português, mas esse esforço parece ter sido menor. Já às rádios brasileiras foi dedicado maior esforço e temos registros de programas *Hora italiana* (inclusive com amplo fornecimento de discos e outros materiais vindos diretos da Itália) em várias rádios de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, etc. Temos também registros de esforços italianos para divulgar notícias da Agência Stefani nas rádios brasileiras.

Com relação ao cinema, os filmes enviados pelo regime tinham imensa dificuldade para enfrentar a competição americana e atingir o público brasileiro. Entre 1936 e o início da Segunda Guerra Mundial, houve um grande esforço do governo italiano para reverter esse quadro e, aparentemente, algum sucesso foi obtido, com vários cinemas passando a exibir filmes italianos, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O esquema de propaganda do fascismo não se limitava, porém, a utilizar a mídia escrita e audiovisual. Também expedientes mais clássicos, como exposições e pomposas visitas aero navais eram utilizados pelo regime para alcançar o público brasileiro.

Em relação às exposições, poderíamos nos referir, por exemplo, à participação italiana na Exposição do Estado Novo em 1939 ou à grande mostra comemorativa dos cinquenta anos da imigração italiana em São Paulo em 1937, onde maquetes sobre a conquista da Abissínia e ilustrações sobre as grandes obras fascistas conviviam com tanques e tratores FIAT e que recebeu até uma mensagem radiofônica especial do Conde Ciano, direto de Roma.

Também as grandes expedições aéreas exerciam um grande efeito na opinião pública nacional, que se excitava notavelmente com as grandes proezas

aéreas de De Pinedo, Ferrarin, Del Prete, Bruno Mussolini, etc. O mesmo pode ser dito sobre a contínua visitação de belonaves italianas aos portos brasileiros, as quais procuravam demonstrar a brasileiros e italianos residentes no Brasil o poder e a eficiência da nova Itália.

Podemos perceber, assim, o razoável esforço despendido pelo governo italiano para atingir, com sua propaganda, o grande público brasileiro. Havia, porém, outro filão de propaganda a que o fascismo dedicava atenção especial e que convém examinar com mais cuidado: a propaganda cultural.

Um dos primeiros cuidados do regime para adentrar o mundo da cultura brasileira era o de cativar os intelectuais. Para tanto, fazia-se ampla concessão de comendas e distribuía-se farta literatura sobre o fascismo, a qual não só era mais complexa do que as brochuras e folhetos de divulgação geral como era pensada especificadamente para os intelectuais. A distribuição de livros para universidades e escolas também é amplamente documentada nos arquivos do MinCulPop e ideias de subsidiar a tradução de livros anticomunistas e fascistas italianos também não faltaram.

A concessão de honorarias e a distribuição de livros não eram, contudo, as únicas formas de cooptação dos intelectuais. Eram muito comuns, também, as visitas pagas à Itália para a divulgação da grandeza do fascismo e da riqueza cultural italiana. Nessas visitas, era habitual a presença de jornalistas (como apresentado anteriormente), professores universitários e membros do alto escalão do governo, além de jovens estudantes universitários.

As relações culturais também foram aprofundadas com o aumento do intercâmbio e dos contatos entre professores e intelectuais brasileiros e italianos. De fato, as conferências de intelectuais italianos sobre arte e cultura italiana passaram a ser relativamente comuns, assim como as relativas a aspectos da ideologia fascista.

Outro método bastante eficiente para fomentar o intercâmbio cultural Brasil/Itália foi a transferência de professores universitários italianos para lecionar no Brasil. A maioria se fixou em São Paulo e lecionou na USP, mas alguns permaneceram no Rio de Janeiro e até em lugares mais distantes, como Porto Alegre. Há referências a estes professores já em 1934 e 1935 e, ainda em 1940, são mencionadas oito cátedras universitárias ocupadas por eles em todo o país.

Entre os nomes mais famosos dentre esses intelectuais, devemos recordar De Falco (literatura italiana), Albanese (geometria), De Fiore (geologia), Piccolo (literatura italiana), Fantappiè (matemática), Galvani (estatística), Onorato (mineralogia), Wataghin (física), Ocialini (física) e Ungaretti (literatura italiana)<sup>9</sup>, os quais colaboraram muito, sem dúvida, para a divulgação da cultura e da ciência italianas no Brasil e para o enriquecimento intelectual brasileiro.

---

9 TRENTO, Ângelo. *Do Outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, pp. 300-301.

É útil observar, porém, que não só a maioria desses intelectuais tinha convicções políticas próximas ao fascismo, como eles fizeram questão de incluir temas fascistas em suas atividades acadêmicas, o que levantou críticas de setores da opinião pública brasileira, mas que, no geral, colaborou para dar maior prestígio ao regime dentro dela.

A constituição de Institutos Culturais especialmente direcionados ao intercâmbio cultural ítalo brasileiro foi outra novidade do período. Coerentemente com seu caráter binacional, tais Institutos tinham dupla localização, no Brasil e na Itália.

Na Itália, já havia há vários anos o Instituto Colombo, destinado a melhorar as relações culturais da Itália com a América Latina. Em 1936, contudo, surgiu um órgão específico para as relações culturais ítalo-brasileiras, a associação *Amici del Brasile*. Essa associação surgiu como contrapartida à sociedade *Amigos da Itália* (formada em 1936 por intelectuais brasileiros amigos da Itália e do fascismo) e reunia dezenas de nomes de relevo da vida política, diplomática e intelectual italiana, incluindo aqueles que já haviam passado pelo Brasil (Fermi, Piacentini, Marconi e outros), e teve ramificações em várias cidades da Itália, promovendo conferências, feiras e solenidades diversas. Em 1938, a associação passou a ser subordinada justamente ao órgão sucessor do Instituto Colombo, ou seja, o *Centro Studi Americani* de Roma.

No Brasil, além da citada associação *Amigos da Itália*, formada por brasileiros, o governo italiano mantinha uma série de institutos locais destinados à divulgação da cultura italiana, como o *Centro Cultural Ítalo Mineiro*, o *Centro Cultural Ítalo Rio grandense* e outros. Também foi criada, a partir de 1938, uma *Associazione brasiliana di studi italiani*, que promovia cursos de música, arte e língua italiana e conferências culturais com intelectuais brasileiros de renome (Aloísio de Castro, Tristão de Ataíde, Pedro Calmon, Oliveira Vianna) e cujos diretores eram considerados “facilmente controláveis” pela Embaixada, o que revela o caráter instrumental que o fascismo dava a tais institutos.

Sem dúvida, porém, os mais importantes deles foram os diversos Institutos Ítalo brasileiros de Alta Cultura. Como visto anteriormente, um órgão com esse nome havia surgido em 1926, mas havia cessado suas atividades cerca de três anos depois. A ideia foi retomada posteriormente, e um novo Instituto, com o mesmo nome, foi criado no Rio de Janeiro em 1933, com colaboração financeira dos governos brasileiro e italiano<sup>10</sup> e direção de Aloísio de Castro e Vincenzo Spinelli. Outros Institutos com o mesmo nome foram criados posteriormente, especialmente em São Paulo, e suas atividades foram consideráveis, com cursos de língua e literatura italianas, história da arte e do direito, tradução de livros de intelectuais brasileiros para o italiano e palestras de personalidades como Guglielmo Marconi. Sua influência parece ter se limitado, porém, aos grandes centros ou, em muitos casos, apenas ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Por fim, completando o quadro da política cultural do regime destinada ao

---

10 CERVO, Amado. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália – O papel da diplomacia*. São Paulo/Brasília: Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992, p. 141.

Brasil entre 1936 e 1940, não podemos esquecer que as atividades culturais dos Dopolavoro, das Casas d'Italia, das seções locais da Dante Alighieri e de associações como a Muse Italiche, foram sendo cada vez menos restritas ao público italiano (como eram, ainda que não de forma absoluta, nos anos 1920), passando a atingir também o público brasileiro e que, portanto, as redes de propaganda italiana para os italianos locais e seus descendentes e para os brasileiros em geral vão acabar se cruzando nessa segunda metade dos anos 1930.

Ainda sobre as atividades culturais do regime no Brasil nesse momento, é necessário fazermos algumas observações sobre o caráter dessa maciça propaganda cultural dirigida pelo governo fascista à opinião pública brasileira no período considerado.

A primeira observação a ser feita se refere ao caráter da sua parcela cultural. Parece evidente, a luz do já exposto, que ela não era, de forma alguma, neutra e que o interesse em transmitir, dentro de concertos, exposições, palestras e outras atividades culturais e artísticas, uma carga ideológica fascista, é manifesto.

Cumpre ressaltar também que o esforço de propaganda e difusão cultural do fascismo no Brasil interagiu com as máquinas de propaganda de outros países que também tinham interesse no país. De fato, esse período de 1936 a 1942 é realmente um momento único da história brasileira, quando o país foi transformado em campo de disputa ideológica das grandes potências. Nesse jogo, a grande batalha foi travada, sem dúvida, entre Estados Unidos e Alemanha. Atores secundários como o Reino Unido e a Itália também estiveram, porém, presentes.

Não é certamente esse o espaço para uma reconstrução detalhada do trabalho desenvolvido pelas diversas Embaixadas na tentativa de conquistar a opinião pública brasileira. Impossível não notar, porém, o quanto os métodos para essa conquista eram semelhantes, com o governo americano, por exemplo, fazendo maciça divulgação de seu idioma, promovendo o intercâmbio intelectual entre Brasil e Estados Unidos, ampliando o alcance de sua radiofonia, subsidiando com amplos recursos financeiros a publicação de jornais e revistas, etc.

O momento de maior crescimento das redes de propaganda estrangeiras no Brasil e de maior conflito entre elas estava, porém, ainda por vir: a Segunda Guerra Mundial. Esse período, contudo, não entra em nossa discussão, já que representou a volta de um padrão de propaganda muito mais direta e menos ligado a cultura. Se houve um esforço para criar uma política cultural italiana no Brasil que fosse além da mera propaganda, tal esforço perdeu força no período de guerra, quando a propaganda nua e crua voltou a ser a tônica.

### **Os defeitos da estrutura de propaganda italiana no Brasil**

Os órgãos representativos do governo italiano e do Partito Nazionale Fascista no Brasil eram sempre os primeiros a reconhecer os defeitos e as limitações de seu sistema de propaganda. Problemas no sistema de radiodifusão e na distribuição de publicações são uma constante na documentação italiana e essa mesma docu-

mentação faz, além disso, contínuas referências sobre as dificuldades dos dois esquemas chave do sistema de propaganda italiano no país: o controle dos jornais e a exibição de filmes, as quais merecem ser discutidas em detalhe.

Com relação à fotografias e artigos, são constantes as lamentações dos consulhados sobre o fato que a maioria dos artigos e das fotos que eram enviadas aos jornais não era publicados na íntegra ou que a capacidade das grandes agências americanas, inglesas e alemãs de fazerem circular suas notícias era infinitamente maior do que a italiana. O mesmo pode ser dito quando avaliamos o item filmes.

De fato, a disputa cinematográfica também revela as debilidades da propaganda italiana. Vejam-se, por exemplo, os filmes exibidos no Brasil em 1937 e sua metragem na seguinte tabela:

<b>PAÍS</b>	<b>FILMES</b>	<b>METROS DE FILMES</b>
<i>Estados Unidos</i>	1.324	1.179.932
<i>Alemanha</i>	138	107.435
<i>França</i>	51	70.330
<i>Itália</i>	35	24.552
<i>Reino Unido</i>	23	27.531
<i>Portugal</i>	11	13.365
<i>Japão</i>	10	9.692
<i>Brasil</i>	?	120.941 <sup>11</sup>

No campo da radiofonia, a mesma situação de inferioridade italiana se repetia, como mostra a seguinte tabela de horas semanais de transmissão em português para o Brasil do exterior em 1939:

<i>Estados Unidos</i>	63 horas
<i>Alemanha</i>	56 horas
<i>Reino Unido</i>	20 horas
<i>Itália</i>	10 horas
<i>Japão</i>	7 horas <sup>12</sup>

Podemos ter, assim, uma visão mais clara do esforço italiano destinado à opinião pública brasileira desde os anos 1920 até o período áureo do fim dos anos 1930 e verificar como foi um esforço substancial. Não obstante, esse esforço não foi nem de longe comparável aos verdadeiros competidores pela opinião pública brasileira naqueles anos – a Alemanha e os Estados Unidos – e se manifestou em defeitos e problemas diversos, especialmente financeiros.

De fato, fica evidente que o problema central da estrutura de propaganda italiana no Brasil era a imensa escassez de meios e recursos financeiros para a sua real aplicação. Tal incapacidade derivava, certamente, da crônica falta de fundos do governo italiano no período e, principalmente, da pouca prioridade dada pelo governo italiano à sua ação no Brasil que, se era certamente

11 Public Record Office, Foreign Office, PRO, FO 930/34, relatório "Report on Latin America" de 9/8/1939, p. 16.

12 PRO, FO 930/34, relatório "Report on Latin America" de 9/8/1939, p. 13-14.

um país estratégico e que recebia atenção de Roma, não era tão prioritário como, por exemplo, os países europeus, o que explica a relativa falta de recursos italianos para a propaganda no país. Reafirma-se, pois, que o fato do Brasil estar nas “camadas externas” do sistema imperial italiano o fazia não prioritário nos esforços da “diplomacia subversiva” do regime, especialmente em comparação com a Europa.

Dada essa situação, não é difícil concordar com as análises de Mario Toscano<sup>13</sup>, o qual, após ressaltar as imensas dificuldades da propaganda fascista no Brasil, conclui que a mesma foi feita com escassez de meios, limitação de conteúdo, com um contexto local desfavorável e com pouca perspectiva, assim, de influenciar a situação brasileira.

Ainda assim, a última afirmação de Toscano merece ser relativizada. Sem dúvida, ele está correto ao considerar que as debilidades da propaganda italiana ajudaram na falência de um projeto fundado na exportação de uma ideologia e na liderança italiana dessa ideologia. A propaganda italiana não foi, porém, cem por cento ineficaz e, através da mesma, a mensagem fascista foi transmitida - ainda que em níveis inferiores ao desejado - à parcelas significativas da sociedade brasileira, colaborando, junto com outras fontes de propaganda locais e externas (como os integralistas e a propaganda nazista), a alimentar a ideia fascista no Brasil do período e a ampliar a popularidade da mesma, o que acabou beneficiando os integralistas e os adeptos do Estado Novo varguista<sup>14</sup>.

## Conclusões

Anos atrás, cientistas políticos americanos, tendo a frente Joseph Nye<sup>15</sup>, criaram e difundiram os conceitos de “hard power” e “soft power”. O primeiro seria a capacidade de um país obter o que quer através da força bruta, da punição e recompensa. Os instrumentos chave, aqui, seriam a aplicação da força militar e da pressão econômica. Já o segundo conceito abrangeria os instrumentos pelos quais uma nação seria capaz de impor seus desejos frente às outras através mais da persuasão do que pela força, e incluiria atração cultural e de valores políticos e/ou ideológicos, uma liderança mais baseada no compromisso do que na imposição, etc.

A experiência histórica indica como uma política externa predominantemente baseada em “soft power” normalmente é posta em prática quando uma nação não tem condições econômicas e militares de exercer poder de forma mais direta e procura meios alternativos para exercer alguma influência no mundo. Esse foi o caso da Itália fascista no tocante à América Latina e ao Brasil.

13 TOSCANO, Mário. “Il fascismo e l’Estado Novo”. In DE FELICE, Renzo, *L’emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978*. Torino: Fondazione Agnelli, 1980, pp. 235-270, especialmente pp. 248-250.

14 Para uma discussão sobre os resultados obtidos, ver: BERTONHA, João Fábio, “Observando o litorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943”, *Tempo - Revista do Departamento de História da UFF*, 9, 2000, p. 155-177.

15 NYE, Joseph. *Soft Power: the means to success in world politics*. New York, Public Affairs, 2004.

Com efeito, sem poder contar com uma larga população que falasse italiano, Mussolini apelou para um conceito mais genérico – o da “latinidade” – e a ideia de que caberia a Roma liderar as nações latinas do mundo, além de montar um sistema de propaganda para difundir as ideias fascistas e a cultura italiana. Os vínculos ideológicos estabelecidos com os inúmeros movimentos fascistas e regimes autoritários que dominavam a América Latina nos anos 30 e a presença de fortes coletividades italianas no continente também seriam fatores fundamentais para que a Itália tivesse mais influência na região.

Em geral, estas políticas não deram em nada. Em parte, porque alguns dos pressupostos delas não eram verdadeiros. A maioria das coletividades de imigrantes italianas da América Latina, por exemplo, não estava disposta a ser manipulada por Roma, mesmo quando eram simpáticas ao regime, enquanto várias das colônias eram, ao contrário, majoritariamente hostis a Mussolini, como as platinas e as da América central. Muitos latino-americanos, igualmente, podiam apreciar a renovação dos vínculos culturais com a Itália e manter contatos intensos com o fascismo, mas isso não implicava em uma opção geopolítica pela Itália. Em resumo, nem sempre os elementos da equação trabalhavam para dar, à Itália, a resultante final desejada.

O problema central, contudo, era a falta de elementos mais sólidos, de “hard power”, que pudessem ser usados para apoiar e reforçar os elementos de “soft”. Frente às vantagens econômicas e pressões militares que os futuros Aliados e, especialmente, os Estados Unidos, eram capazes de fazer na América Latina, os vínculos culturais e outros se tornavam questão menor.

No caso do Brasil, pode-se afirmar que o país foi um dos países latino-americanos onde o fascismo depositou suas maiores esperanças de influência, com o objetivo de levar a nação sul-americana Brasil para o sistema imperial italiano, ainda que sem imaginar que ele pudesse ser colocado sob o domínio direto ou hegemônico da Itália. Mas que havia ambições de influenciar os rumos do colosso sul-americano, parece uma realidade.

Os resultados, contudo, foram bastante decepcionantes para a Itália, pois todo o investimento na propaganda, na conquista das coletividades italianas e na formação de laços com o regime varguista e com o integralismo teve, ao final, poucos resultados práticos.

A política italiana era, sem dúvida, ambiciosa e com incoerências e improvisações evidentes. Ela nunca foi, porém, completamente aleatória e ilógica e, em última instância, revelou-se de efeitos importantes na vida política do Brasil ao contribuir para a difusão e implementação dos ideais de extrema direita no país. De fato, o estudo dos interesses italianos no Brasil e de seus instrumentos de ação nos permite entender melhor tanto os mecanismos de aprofundamento dos ideais fascistas na sociedade brasileira do entreguerras como o papel das potências fascistas e seus interesses no processo, numa relação que convém ter em mente para entender os caminhos políticos do país no período.